

**RESENHA DE MACHADO DE ASSIS:  
ENSAIOS E APONTAMENTOS AVULSOS,  
DE ASTROJILDO PEREIRA**

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Organizador: Martin Cezar Feijó. 3. ed. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008. 223p., mais um DVD ("A última visita").

Astrojildo Pereira pertence a uma geração importante de machadianos (José Barreto Filho, Eugênio Gomes, Raymundo Magalhães Júnior, José Galante de Sousa, Augusto Meyer, Lúcia Miguel Pereira e outros): nasceram, quase todos, na virada do século XIX para o XX, a menos de uma década da morte de Machado de Assis, e suas atividades culminaram nos 1950; dependemos deles para uma quantia enorme de fatos básicos sobre Machado, sua vida e sua obra, e eles marcam o começo de uma mudança na visão do autor, para longe da figura distante, "olímpica", que dominou o século XX até esse momento. Astrojildo, nascido em 1890 em Rio Bonito, Estado do Rio de Janeiro, é de fato o mais velho desse grupo, velho bastante para ter encontrado com o próprio Machado, moribundo, numa cena famosa capturada por Euclides da Cunha numa crônica, "A última visita", que descreve a entrada na casa de um jovem desconhecido, que se aproxima para beijar a mão do autor já às vésperas da morte – só mais tarde Lúcia Miguel Pereira revelou a identidade do moço. Essa terceira edição, muito bem-vinda, de um livro publicado em 1959 e 1991, traz um DVD de um filme curto baseado nesse evento e uma reprodução da crônica de Euclides, fascinantes e úteis.

Astrojildo foi também, claro, fundador do Partido Comunista Brasileiro e nunca perdeu a fé no marxismo-leninismo – pouco depois do golpe de 1964, sua casa foi saqueada e seus livros, "apreendidos". Ele mesmo foi encarcerado e faleceu pouco tempo depois de libertado, em novembro de 1965. À parte, talvez, o ligeiro choque de ver Stálin citado como autoridade literária, o viés político desses ensaios pode ser aceito sem dificuldade; é franco e aberto, e sobretudo o autor se aproxima do passado com uma perspectiva histórica que faz parte integrante das doutrinas nas quais acreditava, mas que tem validade fora delas. Claro que Machado não era materialista dialético,

embora talvez tivesse, nas palavras do título de um dos ensaios do livro, um "pensamento dialético e materialista" – coisa bem diferente, é claro. Mesmo neste ensaio, Astrojildo insiste que não está "pux[ando] a brasa para [sua] sardinha" (p. 133). É um dos primeiros críticos a rechaçar a noção absurda da indiferença machadiana perante assuntos políticos, sociais e históricos, e o primeiro ensaio do livro, "Romancista do Segundo Reinado", que insiste no crescimento paralelo do autor e do regime, nascidos praticamente no mesmo ano, é básico nesse sentido.

O que podemos aprender de Astrojildo agora, se o colocamos em perspectiva histórica, como ele teria esperado que fizéssemos, e como faz com Machado? Os três primeiros ensaios, "Romancista do Segundo Reinado", "Instinto e consciência de nacionalidade", e "Crítica e política social" valem muito a pena de ser lidos ou relidos; são detalhados, equilibrados e perspicazes. O segundo, em particular, vale por uma consciência básica de que Machado nunca foi um nacionalista ufanista, muito pelo contrário. Como disse numa carta a José Veríssimo, de 1902, citada aqui: "Você sabe se eu temo ou não a desarticulação deste organismo [i.é, o Brasil]; sabe também que, em meu conceito, o nosso mal vem do tamanho, justamente o contrário do que parece a tantos espíritos". Vale a pena frisar a familiaridade exaustiva que Astrojildo tem com a obra inteira de Machado, crônicas, contos, poesia, correspondência, além dos romances. O quarto ensaio, sobre "O Almada", poema satírico só publicado na íntegra depois da morte do autor, em 1910, no volume *Outras relíquias*, editado por Mário de Alencar, talvez seja o melhor exemplo dessa familiaridade; também a interpretação, política na sua essência, é bem interessante. Como diz Astrojildo, o poema foi ignorado pelos críticos, sendo um documento fascinante em mais de um sentido – por exemplo, na história da complexa relação de Machado com José de Alencar, cujo romance *O Garatuja* (1872) trata dos mesmos eventos históricos (de 1659); mas também para a dívida de Machado para com a poesia satírica portuguesa (um dos seus modelos é o *Hissope*, de Antônio Dinis da Cruz e Silva [1802], por sua vez devedor do *Lutrin*, de Boileau [1674-83]); finalmente, para o argumento, que acho bem sustentável, que o talento de Machado para o verso era sobretudo cômico e satírico. Este livro é uma mina de tais *aperçus*, caminhos que podem atrair mais de um pesquisador atual.

Os outros três ensaios da primeira seção do livro, "Pensamento dialético e materialista", "Antes e depois do *Brás Cubas*", e "O 'mau' e o 'bom' Machado", são

talvez menos convincentes, embora sempre valha a pena lê-los. Em alguns momentos mais do que outros, nos damos conta de uma diferença de geração, uma "mudança de paradigma" (*paradigm shift*), que aconteceu entre 1960 e 1980 e que envolve aspectos diferentes e aparentemente separados da obra de Machado. Astrojildo, junto com outros membros de sua geração, tem uma tendência a fiar-se nos narradores machadianos (mesmo Brás Cubas) e a vê-los como porta-vozes do autor. Capitu é culpada, óbvio – é "uma pervertida requintada e imprevisível" (p. 33) – isto apesar de o autor defender Machado contra a acusação de misoginia. Até a sensibilidade de Astrojildo para os assuntos políticos tem suas limitações: ele se precipita ao acreditar que Machado aceitou a República (como parece que disse uma testemunha muito suspeita, Silva Jardim), quando a evidência das crônicas aponta na direção oposta. Machado já fora identificado como autor de "Bons Dias!" por Galante de Sousa, e a série fora publicada por Magalhães Júnior; Astrojildo até o cita uma vez (p. 138), mas não vê a corrosividade da série, o seu antirrepublicanismo, continuado sub-repticiamente em "A Semana". Também, apesar de a sua visão da sociedade brasileira tradicional ser igual à de Roberto Schwarz – escravos, agregados, e proprietários –, não leva a uma análise iluminadora dos romances da década de 1870, descritos como "idealistas" e "românticos".

Nada disso é crítica negativa – o que seria absurdo. O que interessa é definir uma mentalidade, compartilhada por toda aquela geração, e que, talvez devido sobretudo a Helen Caldwell e a Roberto Schwarz, tornou-se irre recuperável. O fato de Astrojildo também compartilhá-la mostra que é, até certo ponto, independente da visão que temos de Machado como homem político (ou de opiniões políticas). É altamente provável que isso tenha alguma coisa a ver com a ironia, que faz com que as palavras mudem diante dos nossos olhos. Há "um falar e dois entenderes" – ou mais.

Os "Apontamentos avulsos" que constituem a segunda parte do livro são quase todos válidos e estimulantes: entram em jogo as leituras extensas de Astrojildo e apontam para várias possibilidades, sobretudo no que concerne a influências literárias e filosóficas – a de Proudhon, por exemplo, autor da *Filosofia da miséria*, citado duas ou três vezes num momento muito importante, os anos finais da década de 1870; de Diderot, autor de um conto, "*Les deux amis de Bourbonne*", que pode ter influenciado o estranho "Pílates e Orestes", de 1903; o *Adolphe* de Benjamin Constant... Há um erro, aliás compreensível, na nota sobre *Saint-Clair das Ilhas*, romance mencionado mais de

uma vez como leitura repetida de alguns personagens dos romances e contos, mas que não é de Madame de Montolieu, na verdade sua tradutora, mas da inglesa Mrs Elizabeth Helme, como nos mostrou Marlyse Meyer, com fascinante luxo de detalhes.

Este último ponto levanta uma questão – e uma pequena crítica. Esse livro, belamente produzido e com o DVD mencionado acima, é uma reprodução da segunda edição, publicada em Belo Horizonte pela Oficina de Livros, em 1991, sem a introdução de José Paulo Netto, republicada alhures. Os editores escanearam essa edição e fiaram-se demais nesse processo – reproduziram alguns (poucos) erros e juntaram mais alguns, típicos do escaneamento ("Chamfort" dá "Charrifort", "Comte", "Conite" etc.). Talvez tivesse sido melhor produzir um novo livro, o que daria ensejo para corrigir o errinho sobre a autoria de *Saint-Clair*. Teria sido também uma oportunidade para incluir dois ou três ensaios que não foram publicados em 1959 nem em 1991, listados nas bibliografias de Galante de Sousa e Ubiratan Machado – uma resenha de um dos volumes de contos publicados por Magalhães Júnior, um ensaio sobre "*Quincas Borba* e a crítica" (publicado em 1961), e "Machado de Assis na crítica", já publicado, aliás, nesta revista. Mas são questões secundárias – o principal é que temos essa nova, e bonita edição de um machadiano clássico.

John Gledson  
University of Liverpool  
Liverpool, Reino Unido

John Gledson é professor da Universidade de Liverpool, Inglaterra. Publicou *Machado de Assis: Ficção e História* (1986), *Machado de Assis: Impostura e Realismo* (1991 e *Por um Novo Machado de Assis* (2006). Editou três volumes de crônicas de Machado de Assis (*Bons Dias!* [1989, 3ª edição 2008], *A Semana 1892-93* [1996] e, recentemente, em parceria com Lúcia Granja, *Notas Semanais* [2008]) e preparou duas antologias dos contos desse escritor (*Contos: uma antologia* [1999] e *50 Contos de Machado de Assis* [2007]). Traduziu vários livros do português para o inglês, entre eles *Dom Casmurro* e *Um mestre na periferia do capitalismo* de Roberto Schwarz. Endereço eletrônico: J.A.Gledson@liverpool.ac.uk